

Sexualidade Infantil e Intimidade

Infantile Sexuality and Intimacy

LEJARRAGA, Ana Lila. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2015. 152 p.

*Pedro Salem**

Em seu mais recente livro, *Sexualidade infantil e intimidade*, Ana Lila Lejarraga retoma e aprofunda questões do texto winnicottiano que vêm se esmerando em examinar há mais de duas décadas. Seguindo a mesma coerência e rigor teóricos de seus trabalhos anteriores, *O trauma e seus destinos* (Revinter, 1996), *Paixão e ternura – um estudo sobre a noção de amor da obra freudiana* (Relume-Dumará, 2002) e *O amor em Winnicott* (Garamond, 2012), a autora congrega o que há de mais interessante na obra de Winnicott para a compreensão e o tratamento dos impasses impostos à clínica psicanalítica pelos chamados casos de não-neurose. Para tanto, escolhe um foco e um método que orientam e organizam os seis artigos que compõem sua obra. Como foco, opta por conferir predomínio à temática dos afetos; como método, além de apresentar, eficientemente, as ideias de Winnicott, propõe fazê-las dialogar, sobretudo, com a obra de Freud. Sem recair no frequente deslize daqueles que, ao cotejarem teorias, muitas vezes perseguem apressadas semelhanças, Ana Lila traça um cuidadoso e detalhado percurso em que conduz o leitor a acompanhar, não apenas as diferenças, mas, principalmente, as inovações winnicottianas no que respeita a metapsicologia freudiana, sobressaltando o valor que agregam à clínica psicanalítica contemporânea. Tal objetivo é proposto respeitando as origens e influências que subjazem ao pensamento de Winnicott. Isto significa que, além de contextualizado, o texto de Ana Lila vem recheado de referências psicanalíticas fundamentais para a compreensão das aproximações e distanciamentos operados com relação às ideias freudianas. Refiro-me aqui, principalmente, às alusões que a autora faz, ao longo da maioria dos artigos, ao pensamento de Ferenczi, Balint e, em menor medida, Fairbairn.

* Rio de Janeiro-RJ-Brasil.

Sem rodeios, sigamos direto ao ponto. A autora, no conjunto de textos que compõem seu livro, possui uma intenção que, apesar de se traduzir de modos conceitualmente diferentes em relação aos pontos debatidos, é inequívoca: extrair de Winnicott a legitimidade de uma modalidade afetiva – tão importante para a constituição do sujeito quanto para a clínica psicanalítica – que, grosso modo, define como *intimidade*. Veremos, logo adiante, como tal termo se desdobra em um profundo conjunto de elementos presentes na obra do psicanalista inglês. Por ora, vale, inicialmente, marcar sua diferença com relação ao tratamento da questão dos afetos na metapsicologia freudiana.

Sabe-se que, se bem que, a partir da introdução da segunda tópica, Freud tenha proposto um critério qualitativo para distinguir prazer e desprazer, boa parte do que se concebe como afeto em psicanálise ainda escorrega para uma definição quantitativa, a partir da qual desprazer se faz sinônimo de aumento da tensão libidinal. Dessa perspectiva, afetos são tomados como efeitos secundários da variação econômica da energia libidinal que, desse modo, só adquirem sentido e, portanto, qualidade, quando representados. Nesse contexto, o privilégio teórico é concedido ao valor fundante da pulsão como base do psiquismo e da sexualidade infantil. Winnicott, sem desmerecer o valor da sexualidade no processo de constituição e amadurecimento psíquicos, elabora um vocabulário descritivo que traz para dentro da psicanálise a dimensão das experiências “não culminantes” que, de um modo geral, se localizam no domínio do espaço potencial.

De fato, Winnicott valoriza todo um campo de experiências afetivas tangenciais à metapsicologia freudiana sem, no entanto, incorrer no equívoco que críticos apressam em lhe atribuir: o de desmerecer o valor da sexualidade na dinâmica psíquica. Como sublinha Ana Lila, “restringir o alcance da teoria da sexualidade infantil não implica seu abandono” (2015, p. 49). Isso é fundamental para que não se recaia numa querela que, quase tão antiga quanto a própria fundação da psicanálise, nem por isso se faz empoeirada. Refiro-me ao debate entre a primazia do modelo pulsional ou da teoria das relações de objeto, cujos desdobramentos foram muitas vezes responsáveis por acusações teóricas mútuas. De modo geral, muito se argumentou que defensores do modelo pulsional teriam desprezado o papel do outro/objeto na constituição psíquica – posto que a pulsão, autoerótica por definição, careceria de objeto externo – e que simpatizantes das relações de objeto teriam, por sua vez, passado ao largo do privilégio da sexualidade em função da valorização de certos elementos presentes na relação inicial com o outro que nada teriam a ver com a pulsão sexual.

Ana Lila, contrariamente, se alinha a uma série de autores (cf. GREEN, 2002; FIGUEIREDO, 2009) que procuram desmistificar posições polarizadas entre tais “escolas”, fazendo ver que o próprio texto freudiano já se encontrava pleno de tensões e oscilações, em relação à estrita opacidade do objeto para o “sujeito” em formação ou o reconhecimento da absoluta importância do outro como primeiro objeto de amor infantil. Em suma, seus argumentos são eficientes em reconhecer que, mesmo que sustentemos que a sexualidade infantil seja autoerótica e parcial – consequentemente, desprovida de relação objetual –, também encontramos em Freud a inconfundível afirmação do papel que o outro cumpre de nutrir e erogeneizar o corpo infantil. Contudo, por mais complexa que seja a leitura da sexualidade infantil em Freud, ela não é capaz de desviar-se das noções de apoio, autoerotismo, zonas erógenas e mesmo, ainda que em menor grau, da discutível formulação do narcisismo primário como estado anobjetal. É justamente aí que Ana Lila faz notar a inovação winnicottiana, já que tais referências conceituais acabaram por não permitir decifrar a complexidade do vínculo primário entre a mãe e o bebê e, mais do que isso, as modalidades de adoecimento psíquico cuja gênese remonta a falhas nesse vínculo.

Nesse debate acerca do privilégio da sexualidade infantil na constituição psíquica, faz-se necessária a justa compreensão da posição de Winnicott. Para o psicanalista inglês, da mesma forma como o motor do desenvolvimento emocional não está na pulsão sexual, a sexualidade tampouco consiste em um elemento primário do psiquismo. Por meio da descrição dos estados excitados e tranquilos do bebê, Winnicott busca refinar o entendimento da primazia do prazer na constituição psíquica. Por um lado, em seu estado excitado – ao qual corresponde a função da mãe-objeto –, o bebê experimenta algo mais próximo das alterações dinâmicas entre tensão e alívio pulsionais implicadas no prazer erógeno. Por outro, em sua vivência tranquila junto à mãe-ambiente, o bebê vivencia um tipo de relacionamento de ordem distinta, cujos referentes centrais encontram-se na experiência de mutualidade – solo da constituição do *self*, para Winnicott – e na identificação primária, cujas bases encontram-se na função especular desempenhada pela mãe. Enquanto que as necessidades correlatas ao estado excitado do bebê são satisfeitas pela pulsão sexual, as necessidades egóicas – conforme definido por Winnicott e muito bem explorado por Ana Lila num artigo do livro especificamente dedicado ao tema – se satisfazem no contato afetivo e íntimo com o outro. Para Winnicott, o essencial nos primórdios da vida do bebê é justamente a satisfação das necessidades do ego, cuja primazia sobrepõe-se à das satisfações sexuais. A sexualidade, de acordo com o psicanalista, não é primária na constituição e funcionamento psíquicos.

Pelo contrário, sem a experiência de intimidade promovida pela identificação primária entre o bebê e o outro, a sexualidade infantil corre o risco de tornar-se patológica ou fonte de adoecimento psíquico. Ademais, lembra Ana Lila, para que o prazer autoerótico oriundo da pulsão sexual possa ser experienciado como parte de si mesmo, um importante processo de constituição do *self* – com continuidade temporal e integração psicossomática – deve estar em curso. Este, como se sabe, depende de fatores que estão para além do autoerotismo solipsista do bebê e, inevitavelmente, aponta para a presença do outro-ambiente sob a forma de cuidados suficientemente bons.

Disso extrai-se, portanto, a importância de sustentar a diferenciação conceitual entre duas formas de satisfação, respectivamente associáveis aos estados excitados e tranquilos do bebê: de um lado, a dinâmica da excitação e do prazer sexual e, de outro, a da intimidade. Afinada a outros autores que sustentaram essa importante diferença (cf. ROUSSILLON, 2004; COSTA, 2004), Ana Lila é tenaz no exame da heterogeneidade de tais modalidades de satisfação, afirmando com Winnicott a irredutibilidade do prazer da intimidade e da mutualidade ao prazer erógeno. Ainda que distintos e inicialmente não integrados, contudo, são passíveis de aproximação na medida em que o bebê se torna progressivamente capaz de reconhecer que os objetos de seus ataques agressivo-criativos são os mesmos aos quais dirige sua afeição nos momentos tranquilos. Essa complexa operação, conforme sinaliza Winnicott ao descrever o “ciclo benigno” da aquisição do concernimento, é um dos fatores que responde pela integração do erotismo e da intimidade na experiência do bebê.

Ana Lila, recorrendo a uma perspectiva mais ampla, sinaliza importantes elementos que distanciam a compreensão do laço de intimidade conforme descritos por Freud e Winnicott. Enquanto que Freud acaba por remeter a origem da afeição a uma forma inibida ou desviada da pulsão sexual, Winnicott legitima sua presença sem supô-la efeito secundário da repressão ou da inibição. Em outros termos, não toma os estados tranquilos do bebê como um subproduto de desvios defensivos promovidos na atividade pulsional, própria aos estados excitados. Nesse sentido, não é propriamente a comunicação íntima com o outro que resulta das vicissitudes da sexualidade infantil. Antes, advoga Ana Lila, é a experiência de mutualidade outro-bebê que costura o contexto no qual a sexualidade infantil pode se desenvolver de modo enriquecedor. Entretanto, ela aponta de uma perspectiva pragmática, isso não significa uma mera inversão de termos em que se procura substituir o fundamento sexual por outra causa última, no caso, a mutualidade. De acordo Winnicott, esta é a condição – mas não a causa – dos processos de identificação primária, da

formação do *self* e, como afirmado, do próprio desenvolvimento da sexualidade infantil.

Ainda com relação às ideias de Freud e Winnicott em torno da questão dos afetos, a autora dedica um de seus artigos a outro campo, no qual ela se faz novamente presente, qual seja, o da noção de amizade. Em uma palavra, o esforço de apreender os sentidos da noção de amizade em Freud remete ao raciocínio anterior implicado na compreensão da experiência de intimidade como desvio da pulsão sexual, inibida quanto ao seu alvo. Da perspectiva freudiana, os sentimentos de ternura ou de amor fraterno, que revestem os laços de amizade, apresentam-se como um amor sublimado, cujas origens remontariam à rivalidade originária entre pares ou à própria pulsão sexual inibida. Ana Lila faz ver que, menos do que uma definição negativa, a noção de amizade em Winnicott mostra-se plena de positividade. Distante dos modos de gratificação pulsional pressupostos por Freud, a descrição da amizade em Winnicott segue os mesmos rumos teóricos anteriormente enunciados, apontando para formas de comunicação íntimas que fomentam a confiabilidade inerente às experiências do espaço potencial.

A valorização winnicottiana do âmbito das necessidades egóicas – justamente aquelas referidas ao domínio da confiabilidade do ambiente, da ternura e das trocas íntimas com o outro –, em contraste com a dimensão freudiana do desejo – cuja realização alucinatória independe da provisão ambiental em função da variabilidade e contingência do objeto da pulsão – é tratada pela autora com o cuidado de não fazer de ambas, experiências excludentes. Como afirmado, não apenas prazer erógeno e intimidade afetiva se entrelaçam no desenvolvimento, como também os estados excitados e tranquilos envolvem o predomínio de determinados afetos que, como sinalizado, não se organizam a partir de uma lógica de exclusividade. É nesse sentido que a autora precisa, por exemplo, que o prazer erógeno, próprio aos estados excitados, não elimina a necessidade de satisfação emocional.

Apesar de pouco reconhecedor de algumas de suas importantes influências teóricas – à parte sua generosidade com Melanie Klein, cujo crédito ele, repetidamente, sinaliza em diferentes momentos de sua obra – sabe-se que Winnicott esteve próximo a diversos psicanalistas na valorização dos afetos, em seu questionamento do primado da pulsão sexual e na dedicação à compreensão e ao tratamento de patologias severas e/ou casos de não-neurose. O texto de Ana Lila é claro em evidenciar e problematizar essa vizinhança teórica, como quando examina as noções de “desejo passivo de ternura” de Balint, a visão de Fairbairn da libido como *object seeking* ou mesmo a presença implícita de Ferenczi na matriz winnicottiana. Neste caso, pelas aproximações ou

diferenças observadas no livro em torno do tema da ternura e da noção de trauma – à qual dedica um artigo exclusivo –, Ana Lila é venturosa em defender e explicitar a riqueza do diálogo entre os dois autores.

Não faria sentido finalizar esta resenha sem ao menos mencionar o fato de que, em todos os artigos do livro de Ana Lila, a clínica psicanalítica contemporânea se faz um tema central. Distante de descrições que poderiam permanecer restritas ao domínio conceitual, a autora conduz o leitor a entrever quais as consequências pragmáticas da valorização dos afetos no processo analítico, extraindo do repertório winnicottiano pistas para a compreensão dos efeitos das falhas no vínculo primário do bebê com o outro. As vivências de agonias impensáveis, de desintegração, aniquilamento ou medo do colapso, por exemplo, mostram-se intimamente ligadas ao fracasso do ambiente em satisfazer as necessidades de um *self* emergente. Constituem efeitos do rompimento da continuidade do ser que, por sua vez, demandam uma compreensão e postura clínicas que se distanciam do modelo freudiano do recalçamento, apontando, assim, para o manejo do *setting*.

Contudo, novamente evitando polarizações estéreis, a reflexão de Ana Lila a respeito da clínica, implica a ampliação do conceito de inconsciente, em cuja descrição ela sugere incluir os conteúdos derivados de processos de clivagem. Dessa perspectiva, portanto, à tarefa clássica de reconhecimento dos conteúdos inconscientes – efeito de interpretações “em termos de desejo” – somam-se interpretações “em termos de necessidades”, cujo esforço se dirige à possibilidade de integração psíquica daquilo que, por efeito do que falhou no processo de constituição subjetiva, não pôde ser devidamente assimilado como parte do psiquismo.

Estas são somente algumas das questões sobre as quais Ana Lila conduz o leitor a refletir. Ela o faz com a mestria de quem persegue a precisão teórica e a complexidade das ideias de Winnicott sem, contudo, se desconectar da simplicidade descritiva tão cara à concepção do seu texto. Sem hermetismos, nem fórmulas fáceis, não contorna o aprofundamento necessário para reconhecer as sutilezas do pensamento winnicottiano. Nesse sentido, o livro de Ana Lila possui ainda a rara qualidade de costurar conceitos de modo a fornecer ao leitor um panorama tão abrangente quanto minucioso de como estes se articulam à teoria geral de Winnicott, a saber, sua compreensão do amadurecimento psíquico.

Autor

Pedro Salem. Psicanalista, membro efetivo/Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro-CPRJ, mestrado e doutorado/Programa de Saúde Coletiva/Instituto de Medici-

na Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro-IMS-UERJ. Email: pedrosalem@terra.com.br.

Referências

COSTA, J. F. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FIGUEIREDO, L. C. *As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea*. São Paulo: Ed. Escuta, 2009.

GREEN, A. *Idées directrices pour une psychanalyse contemporaine*. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.

LEJARRAGA, A. L. *Sexualidade infantil e intimidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

ROUSSILLON, R. La dépendance primitive et l'homosexualité primaire "en double". *Revue Française de Psychanalyse*, 64 (2), 421-439, 2004.